
ESCREVER RESPONSÁVEL SOB AS CONDIÇÕES DO DESERTO (O compromisso com o outro e a contemporaneidade)

Carlos Roberto de Carvalho^(*)
Flávia Miller Naethe Motta^(**)

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
Drummond*

Condições de deserto se interpõem entre nós, pesquisadores/leitores de Bakhtin, porém ainda presos às nossas “concretudes”. A condição de prisioneiros de nossas próprias (com)tradições tem nos levado a perguntar sobre nosso trabalho de ensino-pesquisa-extensão e nossa relação com os outros. Que pontes lançar para promover o encontro entre mim e outro, entre estas três esferas de atividades ou responsabilidades acadêmicas? E mais: estamos dispostos a sair, cada qual de seu território familiar, e mergulhar nesse desconhecido árido e incontrolável deserto em que nos insulamos e no qual, muitos de nós, às vezes nos encontramos perdidos e alheios, procurando dar nossas contribuições à ciência, a arte e a vida?

Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas essa relação pode tornar-se mecânica, externa. Lamentavelmente é o que acontece com maior frequência (BAKHTIN, 2011, p. XXXIII).

Essa é a proposta deste ensaio: buscar um encontro entre arte, ciência e vida, uma tentativa de eliminar os desertos e os insulamentos em que nos encontramos. Portanto, indicamos ao nosso leitor/leitora, que aqui procuraremos traçar a paisagem do mundo contemporâneo, tal qual tem sido percebido por nós. O mundo, não enquanto pensado, mas enquanto vivido e praticado. Partimos, portanto, do contexto da própria crise: a crise do ato contemporâneo.

^(*) Professor adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc). E-mail: carlosbeto.carvalho@gmail.

^(**) Professora adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc). E-mail: flavia_motta@hotmail.com.

Não é novidade alguma afirmar que vivemos em uma sociedade onde cada qual, às vezes, sem se dar conta, segue vivendo em meio a um imenso deserto. Deserto em que cada um tenta dar conta e prestar conta de sua própria vida pessoal e acadêmica. Todavia, apesar de todas as nossas boas intenções, vivemos em um mundo em que o consenso e o bom senso quase não existem mais, gerando, assim, uma grave crise de compreensão entre todos. Não há mais senso comum. O cientista não compreende o artista. O artista não compreende o homem de ciência. E ambos não estão nem aí para o que pensa o homem simples do povo. Este último, por sua vez, não dá a mínima importância pelo que fazem ou dizem os dois outros. É como se nos dissessem “a teoria, na prática, é outra, e a vida continua apesar de sua vã filosofia”. A crise é ampla e irrestrita. Crise que nos paralisa ou nos encontramos paralisados frente a ela. Neste mundo de mútuas incompreensões, todos se acusam, reclamam uns dos outros e morrem sem ser plenamente felizes. Morrem simplesmente. E a vida não melhora porque a culpa é sempre do outro. Do outro que não descobre a cura para doenças morais e físicas que nos afligem. Do outro que não segue o que foi escrito e prescrito *na e pela* bula dos cientistas. Do outro que não entende nem valoriza as novas tendências estéticas e as novas linguagens artísticas. Do outro que faz uma arte confusa que nem parece arte e reclama do público que não a entende e nem a valoriza.

Enfim, a vida não tem mais jeito nem mais graça e a culpa está e é sempre do outro. Mas ela é ao mesmo tempo de todos. Quem acusa é também acusado. Quem é acusado se desculpa para se livrar da culpa. A culpa é o nó górdio dos nossos problemas atuais. O vento que sopra no deserto de cada dia e devasta tudo: corações e mentes. Devasta e dilacera principalmente a carne humana que é servida cotidianamente nos banquetes dos senhores da guerra, das indústrias, da religião e da política. Corrompe principalmente o sentimento de amizade e de fraternidade que deveríamos cultivar de uns para com os outros. A culpa não tem responsabilidade nem piedade, castiga, condena e mata a arte, a ciência e a vida. A culpa é antropofágica, selvagem e bárbara.

Como o povo sempre diz: a culpa é pimenta que arde nos olhos dos outros. A culpa nos cega e nos distancia dos oásis da vida. Vida que ainda resiste às intempéries das relações humanas no deserto de nossa solidão e de incompreensões. Deserto em que vivemos mecanicamente, tal qual os operários retratados por Chaplin em *Tempos Modernos*, onde cada qual cuida de sua especialidade, de seu setor e de seus próprios afazeres sem, no entanto, dar ouvidos ou se importar com o outro que está ao seu lado. E quando falam não se ouvem e quando ouvem não se entendem. No meio de todo o barulho, nossas falas não comunicam. São falas sem sentidos, obscenas e sem interesse algum pela resposta ou pela pergunta. Automáticas: “Olá, como vai?”. “Tudo bem!”. “Tudo bem!”.

“Tudo bem!”. “Tudo!”. “Fui!”. “Feliz natal” “Feliz dias das mães”. Enfim, felizes porque o importante é parecer que tudo vai bem mesmo quando tudo vai mal.

De fato, deveríamos consentir que a vida atual, o modo como a estamos vivendo, não nos parece em nada satisfatória. Ela tem sido um completo absurdo e um imenso fastio. Absurdo e fastio que já foram tão bem dramatizados na obra de Albert Camus e de Eugene Ionesco e de outros escritores e artistas. Absurdos que se revelam também na poesia dos poetas contemporâneos como Bandeira, Drummond, Brecht, João Cabral e Cora Coralina, entre muitos outros. As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

*provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.*

*Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.*

Chegou um tempo em que não adianta morrer. Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

(DRUMMOND DE ANDRADE, 2012, p. 3).

Diante do terrível espetáculo de indiferença e de tanta impiedade de uns para com os outros, convém lembrar-nos da poesia de Brecht. Recitá-la como se fora uma oração rezada no terço de cada dia desses tempos sombrios. Recitá-la como epitáfio ou elogio à loucura de nossa indiferença frente ao deserto que nos avizinha, mas que, infelizmente, não temos percebido ou dado devida atenção.

*É certo: ganho o meu pão ainda,
Mas acreditei-me: é pura casualidade.*

*Nada do que faço justifica
que eu possa comer até fartar-me.*

Por enquanto as coisas me correm bem

(se a sorte me abandonar estou perdido). E dizem-me: "Bebe, come! Alegra-te, pois tens o quê!"

(BRECHT)¹.

É o próprio Brecht que na sequência de seus versos ainda nos pergunta: Como podemos comer, se a comida que comemos, nós a tiramos de quem tem fome? Como podemos beber, se a água que bebemos, nós a tiramos de quem tem sede? Como temos conseguido conviver com tais absurdos, com tamanha indiferença? Todavia, apesar de terríveis constatações, continuamos comendo e bebendo como se nada tivéssemos a ver com isso. Como não tivéssemos culpa ou responsabilidade alguma pelo que acontece a milhares de seres humanos que nascem e morrem todos os dias aqui e ao redor do mundo.

¹ BRECHT, Bertold. Aos que vierem depois de nós. Poema extraído do caderno “Mais!”, jornal *Folha de São Paulo* - São Paulo (SP), edição de 07/07/2002, tendo sido traduzido pelo poeta Manuel Bandeira.

Às perguntas de Brecht, acrescentamos as nossas: Como pesquisar, escrever sem levarmos em conta a fria realidade de nossas esquinas? Como viver sem levar em consideração a existência de milhares de outros que têm os mesmos direitos? Diretos que tanto prezamos e defendemos. Direitos de comer, beber, morar e vestir. Direitos que nos são garantidos nos artigos de nossa Constituição Federal de 1988. Constituição tão festejada e proclamada por todos como “redentora”, mas que tem sido pouco observada por todos aqueles que ainda comem e bebem, mas creiam – adverte-nos Brecht-, é por pura a sorte. Mas se ela nos deixa, estamos perdidos.

Os versos de Brecht nos mostram ainda a nossa inabalável indiferença. Indiferença para com a vida de todos aqueles que padecem de fome e frio, que moram nas ruas, debaixo dos viadutos, chafurdados nas drogas e se alimentando nas latas de lixo. Horror que Manuel Bandeira - tradutor de Brecht- também traça com espanto o seu vivo retrato.

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(BANDEIRA, 1993, p. 27.).*

O horror sentido por Bandeira nos remete novamente ao poema de Brecht, no momento em que ele, mais uma vez, nos interpela com uma inquietante pergunta:

*Que tempos são estes, em que
é quase um delito
falar de coisas inocentes.
Pois implica silenciar tantos horrores!
Esse que cruza tranquilamente a rua
não poderá jamais ser encontrado
pelos amigos que precisam de ajuda?
(BRECHT, 2002).*

Os versos de Bandeira, Drummond e Brecht nos apontam para aquelas regiões “invisíveis”² de nossa sociedade. Invisíveis só porque temos nos esforçado muito para não vê-las e, assim, nos protegermos de toda e qualquer coisa que possa azedar o nosso jantar, tirando-nos o apetite, a ilusão e o sono. Tirando-nos, sobretudo, a capacidade de pensar e agir responsabilmente. O fato é que,

² Assim entre aspas porque para nós elas são completamente visíveis.

apesar dessas tristes constatações, continuamos incólumes e sem nos comover ante a tanta miséria, comendo e bebendo tranquilamente sem rugas de preocupação, sem qualquer sinal de fastio frente ao exército de miseráveis que diante de nossos olhos desfilam exigindo a dignidade de sua existência humana. Fingimos que não o vemos ou não vemos que fingimos? Tanto faz que seja uma coisa ou outra.

Crise epistemológica, ética ou moral? Pouco nos importa sua natureza ou origem. Em todos os casos, crise que nos mata de tédio e solidão. O fato é que os deserdados, “os condenados da terra”, como os nomeou Fanon (2005) e lhes dedicou uma obra inteira, nos veem e nos enchem de pavor e de medo. E de tal forma que nos obrigam a nos confinar nos desertos de nossos condomínios cercados de grades, cadeados, jardins e policiais armados até os dentes guardando os nossos portões. Uma forma estranha de viver em segurança e em privação de nossa própria liberdade para conter desesperada e inexoravelmente os desertos sociais que avançam sobre todos nós. Escaparemos a eles? Não arriscamos a resposta, temos medo.

Enquanto isso... Compactuaremos com nosso cauteloso isolamento frente à multidão famélica e sedenta com suas bocas escancaradas sem dentes e prontas para devorar os sonhos de pessoas tão pacíficas e inocentes, pois, afinal, não temos nada a ver com isso. Assim prostrados diante do aparelho de televisão ou da tela de nosso computador, aguardamos tranquilamente a terrível notícia: a de que ele (o mundo), a cada dia, vai indo cada vez pior, cada vez mais deserto de homens. De homens que morrem de peste, guerra e fome. Três fatos terríveis, mas que já não os encaramos mais como coisas tão horríveis assim, antes como meras banalidades as quais não devemos dar mínima importância, apenas se conformar que o mundo é como é e ponto final, sem qualquer interrogação.

Não! Não somos os anjos tortos que anunciam zombeteira e sarcasticamente o fim do mundo. Queremos apenas anunciar a sua monumental e evidente presença em nossas ruas e avenidas, mas que – fingidamente - não vemos, como se nada tivéssemos a ver com isso, agindo como fôssemos os únicos inocentes, e todos os demais culpados pelo seu fim. Queremos, sim, anunciar que estamos vivendo em um tempo sem delicadezas, sem amor e compaixão pelo sofrimento alheio. Tempo em que não adianta sequer morrer, pois é tempo de absoluta depuração. Tempo em que a vida é uma ordem dura como pedra. Contudo, mais duro é o nosso coração que se deixou invadir de cáustica indiferença. Queremos dizer, sobretudo, que de nada nos adiantaria escrever, pesquisar e educar se perdêssemos a fé em outro mundo diferente desse que estamos descrevendo; se perdêssemos a convicção de que ainda há tempo para transformá-lo com a nossa

ação responsiva de amor e compaixão por cada homem que se encontra a nossa volta, que faz parte do nosso mundo e de nossa vida, mesmo que os evitemos cautelosamente.

Conforme aprendemos com Bakhtin (op.cit.), a saída para uma vida plena e sem medo só pode ser encontrada na conjunção solidária e corresponsável entre unidade tripartite de ciência, arte e vida e estas sob nossa inteira responsabilidade e na comunhão solidária entre todos os homens. Só na unidade de nosso compromisso entre estas três esferas da cultura humana que se podem ajuntar as peças desse complexo quebra-cabeça em que veio a se tornar o mundo contemporâneo onde cada um se tornou um estranho a si mesmo e ao outro. Mundo que se tornou extremamente individualista e egoísta, onde cada um cuida de si, esperando que Deus ou o diabo cuide de todos. Mundo em que não estamos nem aí pelo que acontece a nossa volta. Pelo que acontece com a vida de outros homens. Mundo em que só eu existo, e ninguém mais para compartilhá-lo comigo. Mundo, por certo, deserto. Não há ninguém mais ali que eu possa abraçar ou conversar e trocar ideias. Mas eu também não estou. Eu também estou sozinho, estou deserto de mim. Quando olho para o mundo só encontro o meu medo, o vazio que se formou entre eu e o outro. O vazio de mim onde o outro nunca está, a não ser como objeto de minha acusação e de minha implacável condenação sem justiça e sem compaixão alguma.

Não estamos nos servindo da poesia e das metáforas apenas para ornar, espantar ou seduzir o leitor. Somos também de partido e de acordo com João Cabral que diz que “é difícil defender,/ só com palavras, a vida,/ainda mais quando ela é esta que vê Severina” (MELO NETO, 1996) ³. Mas se não podemos responder as perguntas que ela, a vida, sempre nos impõe como desafio, é ela mesma que responde com sua presença viva, e de punho em riste. A vida não nos evita. Servimo-nos aqui da poesia como palavra responsável, como palavra que precisamos responder com gestos concretos, solidários e responsáveis no interior da própria vida.

É dos poetas, mais que dos cientistas, que temos aprendido as melhores lições para se processar as transformações que se fazem urgentes e necessárias. Eles nos dão vias de reflexão com beleza, razão e emoção, obrigando-nos a dar uma resposta aos horrores da vida contemporânea. Ao contrário de como muitos a tratam, a poesia não é puro deleite, mas ato enunciativo que pode, sim, nos indicar caminhos para as transformações. Como bem nos disse Rubem Alves:

A poesia não é coisa fraca por ser coisa da alma. Ela é forte precisamente por brotar da alma. [...] “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de Transformar o mundo, atividade poética é revolucionária por natureza, exercício

³ Versos apropriados livremente do poema Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto.

espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria um outro...” (2007, p. 13).

Os poetas que aqui conclamamos, cantam sim, um mundo triste e quase insuportável. Se a poesia deles é triste é porque o mundo que eles viram e sentiram era também triste a ponto de entristecê-los. Eles sabem que a arte que fazem só pode durar e permanecer no mundo se é elaborada no interior da própria vida, no *não-álibi* do existir. Com sua arte interessada e mundana, eles nos comprovam aquilo que Bakhtin (2011) também nos diz em seu texto *Arte e responsabilidade*: que a ciência, a arte e vida não melhoram porque perderam a sua organicidade com o mundo, seus elos com a vida. Drummond, João Cabral, Bandeira e Brecht não perderam essa organicidade, antes, com seus poemas tristes, porém belos, nos indicam uma necessidade, qual seja: o caminho da alegria, pois, “alegria”, nos escreveu Oswald de Andrade, “é a prova dos nove”. Portanto, é na alegria, e não na tristeza, que devemos apostar todas as nossas fichas no jogo perigoso da vida, fazer do limão nossa limonada. A respeito dessa alquimia, Cora Coralina nos oferece seu testemunho:

*Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.
Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.
Entre pedras/cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos
(2004, p. 11).*

O poema, mais uma vez, reafirma o que ouvimos de Jean Paul Sartre e que se tornou senso comum na boca do povo. Por isso, traduzimos livremente sem citar a fonte, mas apenas o seu

“primeiro autor”⁴. Palavras que temos procurado responder com atos concretos de compromisso para com a vida e para com nossas pesquisas. Disse-nos Sartre: o importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos podemos fazer com aquilo que os outros querem fazer de nós. O importante não é constatar a existência dos desertos, o abandono das crianças ou o racismo e os preconceitos, mas pensar em que e o que fazer com eles enquanto sujeitos ao nosso *não-alibi* de existir. Enfrentemos isso, desta feita, pela ótica da ciência dos cientistas e também da poesia.

Como afirmamos anteriormente, é inegável que o modo de vida atual trouxe consequências graves para nossa maneira de *ser-estar* no mundo. Trouxe-nos, sobretudo, aridez. Aridez que se expande por todos os setores da cultura humana, deixando-nos indiferentes à dor que deveras sentimos, mas que fingimos não ter. Abordar essa questão será encarar o deserto como sintoma de uma doença crítica da qual fomos todos acometidos. Doença sem a qual, de tão acostumados e ela, talvez não possamos mais nos reconhecer sem ela. Todavia, mais que extirpá-la, precisamos incorporá-la como parte de nossa existência. Assim como fez o poeta que ao ver a pedra no meio do caminho a transformou em enunciação poética, incorporando-a à história de suas retinas, transformando-a em objeto de sua reflexão.

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra.
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra
(DRUMMOND DE ANDRADE, 2012, p. 237).*

Devemos consentir com o poeta que “no meio do caminho tinha [tem] uma pedra”. Pedra que deve ser incorporada à rotina de nossos afazeres. É sob ou sobre esta pedra que se ergue, se cristaliza e se expande entre nós pensar um caminho plausível para outro mundo possível. Desta feita, enfrentando os desafios que ele nos impõe e ameaça a nossa condição humana. Condição que a cada dia se desconecta do compromisso para com a vida em geral e a existência de outros seres humanos. Condição que Brecht também denuncia como sendo parte de um tempo sombrio, pedindo-nos então um pouco de paciência, compreensão ativa. Compreensão por tudo aquilo que

⁴ Assim entre aspas, pois, segundo Bakhtin não existe nem primeira nem última palavra, mas fluxo de enunciados, respostas às respostas.

não conseguimos ainda realizar juntos em um tempo em que só há revoltas. Em um tempo em que ainda não conseguimos ser uns para os outros bons amigos. Que não conseguimos ainda garantir segurança, fraternidade tanto para aqueles que hoje vivem quanto para aqueles que nos sucederão na continuidade do mundo.

Para dizer com Freire (2001) e acolhendo ainda as palavras dos poetas, o nosso compromisso nesse tempo limite tanto com a educação quanto com a pesquisa, não pode ser outro: incorporar a realidade de pedra como parte de nossas respostas possíveis. Respostas essas que não poderão ser dadas por um único homem, mas por todos os homens. Frente ao processo de arenização das relações humanas, comprometer-se solidariamente com o *Outro*, pois, segundo Bakhtin (2011), só e tão somente o outro é capaz de nos ajudar a ver ou rever aquilo que não podemos ver inteiramente do lugar único que ocupamos no mundo. Só com o outro podemos escapar ao deserto que entre nós se formou e que pesa insuportavelmente sobre nossos ombros.

Tanto Bakhtin quanto Freire têm nos ajudado a compreender a importância de uma ciência dialógica e polifônica, na qual as soluções dos problemas não sejam apenas buscadas por um único ponto de vista, mas no diálogo solidário entre os homens. Qualquer coisa fora desta perspectiva não é ato solidário e libertador, mas ato de violência que fere a dignidade humana – tanto minha quanto a do outro. Como bem nos escreve Freire, no título do segundo capítulo da *Pedagogia do Oprimido*: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. (1987, p. 29). “Nem pró nem contra, mas no simples estar juntos uns em presença dos outros” (ARENDT, p. 225) é que conseguiremos suportar a “insustentável leveza do ser” (KUNDERA, 1985). Mundo que, no final das contas, “não pesa mais que a mão de uma criança” (DRUMMOND DE ANDRADE, 2012, p. 33), desde que convoquemos o outro para vivermos juntos.

Devemos consentir ainda que a crise moral e ética não tem nos permitido acolher as diferenças inerentes à pluralidade das sociedades humanas; não tem nos permitido construir conhecimentos interdisciplinares ou transdisciplinares que possam responder os desafios. Desafios que não podem ser enfrentados por uma única via e disciplinarmente, antes como nos aconselharia Boaventura, a partir de uma ecologia de saberes (SOUZA SANTOS, 2007) ou como nos diria Bakhtin, no diálogo entre todos os saberes entre todos os homens.

Se inicialmente chamamos os poetas e os escritores ao diálogo, vejamos agora o que nos dizem os estudiosos das sociedades, da linguagem, da filosofia. Afinal, já que estamos todos inseridos no grande diálogo, podemos ser convocados a qualquer momento a responder com nossas vidas pelo que vivemos e compreendemos pela arte (BAKHTIN, 2011, p. XXXIII).

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do *passado*, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, 2011, p. 410).

Assim, se há um *grande tempo*, se cada sentido se renova em festa, vejamos o que resulta do encontro entre pensadores que colocam em xeque a contemporaneidade, cenário da aridez ao qual nos referíamos e nos levou a recorrer aos poetas para que pudéssemos colocá-la em questão.

O conceito de “modernidade líquida” de Bauman (2001) ilustra nossa vivência atual partindo de uma metáfora: a contemporaneidade seria adjetivada de tal modo devido a uma incapacidade de manter certa forma, ou seja, “Nossas instituições, nossos quadros de referência, nossos estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificarem em costumes, hábitos e verdades autoevidentes⁵.”

Pensar nas sociedades contemporâneas é remeter-se a um reforçado grau de fragmentação, pluralismo e individualismo, fenômenos diretamente ligados às transformações no trabalho, ao desenvolvimento tecnológico, ao declínio do estado-nação e das culturas nacionais dominantes. A globalização influencia a vida regional em seus aspectos políticos, econômicos e culturais. Os efeitos dos meios de comunicação de massa refletem-se na criação de uma “*realidade eletrônica*”. (KUMAR, 1997, p. 134). Barthes, Derrida e Foucault sinalizavam em nível do sujeito o que a pós-modernidade concebe na sociedade: a fragmentação, o pluralismo e a ausência de uma força totalizadora capaz de dar a eles uma conformidade mais linear. Se há alguma uniformidade no pensamento pós-moderno, ela diria respeito à incredulidade diante das metanarrativas (LYOTARD, 1998, p. xvi), ou seja, dos grandes esquemas conceituais que, embora não classificados como ciências, se propõem a dar explicações vastas e a prescrever ações. É o caso do marxismo, da psicanálise e do próprio liberalismo; todos contaminados por uma tentativa de “cientificismo”. Sem poder crer na ciência ou em outra explicação razoável para o *nonsense* que encontra ao seu redor, o

⁵ Entrevista de Bauman a Maria Lúcia Palhare-Burke, Folha de São Paulo, Caderno Mais! p 4 – 9. 19 de outubro de 2003.

homem fica desenraizado, sem parâmetros que permitam estabelecer referências seguras de como ser e estar no mundo.

As transformações nos tempos-espacos, na circulação da informação, no mundo do trabalho cobraram seu preço naquilo que somos hoje: o “tempo em longo prazo, narrativo, tornou-se disfuncional” (SENNETT, 2004, p. 24). Palavras como flexibilidade assumiram o contorno de *mantras* que regulam a vida. No entanto, “abrir mão do passado e habitar a desordem são também formas de viver no limite” (p. 94). Como consequência, identificamos que: “falta matematicamente ao risco à qualidade de uma narrativa, em que um acontecimento leva ao seguinte e o condiciona.” (p. 97). Sem lugar para as narrativas, onde se teceria o fio do humano?

Benjamin antecipou esse desamparo, quando, no contexto da guerra e da ameaça totalitária na Europa escreveu sobre a obra de Leskov em 1936 (BENJAMIN, 1985). A arte de narrar entrou em extinção com os soldados sobreviventes da guerra. Perdeu-se, com isso, a marca do que nos humaniza: a troca de experiências.

Nossa humanidade é comprimida, esticada, esgarçada, há uma dimensão de violência no contexto neoliberal. A flexibilização das relações de trabalho exaspera a capacidade humana de adaptação, pois ao trabalhador é cobrada a todo o momento sua adesão a novas tarefas, a novos instrumentos, novos procedimentos. Para Sennett “[...] a mudança flexível [...] ataca a rotina burocrática, busca reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, para que o presente se torne descontínuo com o passado” (2000, p. 55). Há um apagar de outras formas de relações de trabalho de maneira tal que a única possível se torna a atual. Esse contexto, somado a automação que reduz ainda mais a oferta de trabalho, impõe às pessoas uma adesão total a um modelo profissional supercompetitivo. Assim, o sujeito é responsabilizado pelo fracasso do seu projeto de vida. A supercompetitividade traduz-se nas relações de trabalho por meio de uma exigência frenética de superação dos limites, exacerbando o individualismo exagerado. E a subjetividade como se recoloca nesse contexto?

[...] O sujeito do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno. (HALL, 2005, p. 46).

No percurso de transformação do sujeito alguns aspectos da modernidade tardia deixaram marcas na sua constituição. Lasch, em 1986, já apontava características que trariam graves consequências para a subjetividade dos homens contemporâneos. O cenário à época era peculiar: corrida armamentista, violência e terrorismo que se consolidavam no que o autor denominou de

“*raciocínio apocalíptico*” (LASCH, 1986, p. 11). A individualidade sofreu transformações para adaptar-se a tal realidade, configurando o que denominou “*mínimo eu*”:

O eu mínimo ou narcisista é, antes de tudo, um eu inseguro de seus próprios limites, que ora almeja reconstruir o mundo à sua própria imagem, ora anseia fundir-se em seu ambiente numa extasiada união [...] a individualidade mínima não é só uma resposta defensiva ao perigo, mas se origina de uma transformação social mais profunda: a substituição de um mundo confiável de objetos duráveis por um mundo de imagens oscilantes que torna cada vez mais difícil a distinção entre a realidade e a fantasia. (LASCH, 1986, p. 12-13).

A cultura do consumo promoveu consequências na forma do sujeito se identificar, o *eu* transforma-se em objeto e o mundo dos objetos passava a ser uma extensão do *eu*. De certa forma, os objetos/mercadorias assumiram características de gratificação ou contrariedade dos desejos. Nesse contexto, a identidade começou a sofrer a ação de um mundo em transformação acelerada e em declínio

[...] do antigo significado da vida como uma história de vida – um modo de entender a identidade que dependia da crença em um mundo público durável [...] que sobrevive à vida individual [...] o sentido anterior de identidade refere-se tanto às pessoas como às coisas. Ambas perderam sua solidez. (LASCH, 1986, p. 23).

Gonzaguinha, perspicaz, retratou o peso que a dimensão do trabalho tem em nossa constituição subjetiva. Ora, o mundo do trabalho é justamente uma das esferas mais alteradas pelas transformações da contemporaneidade.

*É triste ver meu homem
Guerreiro menino
Com a barra do seu tempo por sobre seus ombros
[...] Um homem se humilha se castram seu sonhos
Seu sonho é sua vida e a vida é trabalho...⁶*

As relações entre o homem e seu trabalho que antes se caracterizavam pelo sentimento de autoria e estabilidade, de relação direta entre o feito e o obtido, testemunhado pelos demais de sua comunidade, transformaram-se (SENNETT, 2000). A ascensão social era uma possibilidade real através dos filhos. Com isso, a vida era mais orientada por um adiamento da satisfação de desejos, o tempo dedicado ao trabalho também era claramente distinto do tempo dedicado à vida privada. Havia uma possibilidade de conquistas próprias que vinculavam o sujeito a uma ética ou a um

⁶ Música: Um homem também chora (guerreiro menino) de Gonzaguinha.

conjunto de ações cujos resultados permitiam prever resultados e eram transmitidos através das gerações.

O trabalho hoje não inclui uma definição clara de carreiras. É possível a um mesmo sujeito passar por várias atividades ao correr da vida, o que exige dele uma diversificação de aptidões e habilidades. É o fim do planejamento em longo prazo. A eficiência está remetida à capacidade de adequar-se às novidades, às novas equipes que trazem consigo uma solidariedade circunstancial, diante da modificação constante dos elementos que a compõem. Há ainda uma diluição da autoridade: o líder é hoje um “facilitador”. Os indivíduos passam a ser os únicos responsáveis ou culpados pelo seu desempenho, não há possibilidade de auxílio do Estado sem que isso seja visto como parasitismo.

Diante desse sólido que se desmancha no ar, há de se tomar uma posição responsável. E essa, para nós, se torna possível em dois campos: o ensino e a pesquisa. Trataremos, então, desse tema.

No campo das ciências humanas o compromisso ético do pesquisador é sempre com a vida. É assim, seco, reto e direto que temos entendido a pesquisa. A vida como ela é e a vida como deveria ser. Compromisso com o conhecimento e com a ética que dá sentido ao agir como ato humano responsável. Ato que nenhum outro pode assumir em meu nome. Fora dessa perspectiva responsável, a vida é um deserto que cresce entre mim e o outro. Entre os homens. É contra esse deserto que ameaça nossa vida em comum, entre tudo e todos, que nos tem feito pensar e desejar os oásis da existência responsável, que tem nos mobilizado em direção ao um escrever-pensar-pesquisar responsável, a nos multiplicar em palavras e a gritar feito João Batista como voz que clama no deserto. Segundo Bakhtin (apud PONZIO, 2010),

[...] a vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes dois centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo e com o outro; e o mundo inteiro, conteudisticamente uno, correlacionado comigo e com o outro; é permeado de um tom emotivo- volitivo diferente, é dotado, no seu sentido mais vivo e mais essencial, de validade diferente sobre o plano do valor. Isto não compromete a unidade de sentido do mundo, mas a eleva ao grau de unicidade própria do evento. (p. 22).

As palavras de Bakhtin são a tônica e a origem deste texto. Uma resposta às suas palavras que temos tomado sob nossa intransferível responsabilidade. É em torno desse núcleo – que não se

confunde – que temos pensado as nossas atividades de pesquisa e de ensino. Atividades que, de modo algum, podem ser desvinculadas de nossas próprias vidas e da existência de outras vidas, sejam a de nossos alunos, orientandos, pesquisadores e/ou sujeitos de nossa pesquisa com os quais trocamos nossas impressões a respeito do mundo. Partimos do mesmo princípio proposto por Bakhtin em todo conjunto de sua obra e principalmente pela sua filosofia do ato responsável como *não-álibi*: a de que todos somos responsáveis por todos, e nós, mais que todos os outros.

É ao outro, e sempre a ele, a quem temos procurado responder oferecendo o nosso ponto de vista. Ponto de vista sobre o mundo que é cada vez mais ameaçado pelo crescimento de incomensuráveis desertos. Desertos de todos os tipos. Desertos da educação, da política, da economia, da poesia, do consumo, da religião, enfim desertos múltiplos em que nem sempre o outro está sendo levado em consideração enquanto homem, antes como coisa, como fonte de lucro e de vantagens pela ótica de nossos interesses privados e egoístas.

Desertos que crescem entre mim e o outro, causando-nos extremo desconforto, neste tempo de absoluta depuração em que o coração está seco, os olhos não choram e as mãos tecem o seu rude trabalho⁷. Todavia apesar dessa existência miserável e sem comiseração que ameaça todos, tanto aqueles que oprimem quanto os que são oprimidos, não podemos nos furtar ao enfretamento amoroso e esperançoso e fazer dele o nosso *locus* de reflexão e luta pela vida e pela liberdade. Se não for assim, qual sentido de uma pesquisa ou de uma educação que não vise o bem do homem, que não vise o bem da vida? Que não vise o conhecimento e a liberdade de todos?

Esta é a ética com a qual, segundo nosso ponto de vista, deveria prometer e se comprometer qualquer pesquisador(a) educador(a), habitantes desse vale de lágrimas secas e petrificadas. Senão de que nos valeria pesquisar-educar? Quanto a isso, a obra de Bakhtin não deixa dúvidas: somos inteiramente responsáveis por nossa vida e pela vida de outros homens. A nós não caberia nenhum perdão, nenhum álibi. Podemos sempre perdoar ou desculpar os outros, e isto será sempre necessário fazer, mas a nós não cabe nenhuma desculpa para o nosso não agir. É o que nos prescreve Bakhtin em sua filosofia para um ato responsável. Coisa que infelizmente não vem ocorrendo.

A dimensão ética da pesquisa/educação remete à nossa responsabilidade. Quando tratamos desse conceito, precisamos relacioná-lo à responsividade que se traduz na forma como os sujeitos concretos se colocam diante das situações com as quais lidam. Reflete-se no lugar que o sujeito ocupa na existência e implica na alteridade sob a forma de resposta ao outro. A responsabilidade

⁷ Apropriação livre dos versos de Carlos Drummond de Andrade.

refere-se ao assumir os próprios atos, enquanto a responsividade é o responder a alguém ou a alguma coisa. O agir individual relaciona o que há de próprio e coletivo nas interpretações pessoais, posto que o sujeito só possa compreender o mundo a partir de sua realidade histórica e cultural, mas ainda assim o faz em seus próprios termos, sendo, portanto, responsável por sua ação. Para Sobral “trata-se de uma mediação que depende da apropriação específica que cada sujeito, singular que é, faz pessoalmente da *interpretação* (objetivação) coletiva do mundo dado” (SOBRAL, 2008, p. 227).

Como decorrência, temos que a responsabilidade vai se manifestar em situações concretas, através de práticas sociais inseridas em grupos cuja leitura de mundo influencia e limita as ações possíveis. O sujeito tem, então, uma orientação no seu pertencimento para decidir de acordo com os valores de seu contexto, mesmo quando sua ação se opõe a eles. A responsabilidade se manifesta no ato, pois vai demandar uma decisão que implica pesar um sistema moral abstrato e decidir, a partir dele, em cada situação concreta, materializando-o em uma ética.

[...] a validade das decisões do sujeito (que são sempre éticas, inclusive apesar dele mesmo) depende não de abstrações, mas da articulação, junção, entre regras éticas (se assim se pode dizer) e as circunstâncias concretas da vida concreta, do processo situado de decisão, do agente: o sujeito, ao agir, deixa por assim dizer uma “assinatura” em seu ato e por isso tem de responsabilizar-se pessoalmente *por* seu ato e se responsabiliza por ele *perante* a coletividade de que faz parte - e, em última análise, perante a humanidade como um todo! (SOBRAL, 2008, p. 233).

O que faço e a quem respondo quando faço é a dupla face do agir humano. O sujeito ético, portanto, está em relação com o outro de forma dialógica. Essa tensão entre a solidão individual e a submissão ao coletivo se dá pela responsabilidade situada no agir concreto de um sujeito em relação de responsividade aos outros.

A atitude responsiva ativa é condição estruturante do texto de pesquisa e o que o pesquisador diz está marcado por ela, esteja ele consciente disso ou não.

Em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, Bakhtin mostra que há uma separação irreduzível entre o mundo da cultura e o mundo da vida. Enquanto o primeiro é marcado pela abstração, o segundo - campo da realidade - é singular e irrepetível. O texto anuncia um projeto ético: nossa existência singular traz como consequência que a ação de cada um não pode ser feita por outra pessoa. É preciso agir na realidade e isso decorre da singularidade de cada ser, do fato de que cada *eu* é único (BAKHTIN, 2010, p. 98-99). É minha singularidade que me obriga (p. 118). O

ser tem que assumir proposições com validade teórica ou valores históricos para que eles ganhem sentido. (BAKHTIM, 2010, p. 94 e p. 105).

Já que não temos alibi para nossa existência, ao pesquisar, marquemos nossa posição diante da pergunta que formularemos e das respostas que buscaremos para ela.

Fazer pesquisa, pois, não é um ato solitário e individual. É antes de tudo um ato responsável. Qual o nosso compromisso enquanto educadores e pesquisadores? Que sociedade queremos e precisamos construir? A Pesquisa educacional está a serviço de quem e do quê? Que pesquisas estamos produzindo em nossas universidades e em nossos programas de pós-graduação? A partir delas que realidade estamos desvelando e compreendendo? Que possibilidades estão apontando para uma intervenção transformadora da realidade? Quais as indicações de alternativas para os problemas numerosos e graves da educação? Nossas pesquisas estão dando subsídios para novas políticas educacionais mais emancipatórias e democráticas? (FREITAS, 2003, p. 12).

Ao contrário, muitos têm encontrado desculpas para justificar uma atitude irresponsável e alheia para com o mundo e para com a vida de outros homens, imputando aos outros a tarefa que lhes cabe como compromisso histórico e intransferível, qual seja: a de lutar contra as injustiças. Injustiças que têm criado entre mim e o outro o aparecimento de intransponíveis desertos, o esgarçamento das relações públicas e privadas. Esgarçamento esse que nos impede uma vida em comum e, sobretudo, responsável junto a outros homens.

Segundo Bakhtin, e assim também o é para nós, a luta pela liberdade é uma tarefa infinda, urgente e necessária. São essas preocupações que têm dado sentido às nossas pesquisas e às nossas atividades de ensino. Pesquisas em que temos refletido sobre a importância da linguagem e da educação dos seres humanos, os únicos que, segundo Kant (1999, p. 11), precisam e devem ser educados, pois só assim poderão se tornar verdadeiramente homens, homens autônomos e livres.

Todavia, as condições do deserto em que nos encontramos enleados, de forma alguma tem sido empecilho para pensarmos um mundo em que todos os homens sejam reconhecidos enquanto tais: livres e autônomos. Contra todo o pessimismo que ameaça a dignidade humana, faz-se o sentido de nossa ação responsável. Ousamos afirmar que os desertos que entre nós vicejam têm sido para nós os melhores lugares para que o pensamento sobre um mundo humano possa emergir livremente, sem amarras, sem ideias pré-concebidas. Para nós eles não são lugares impossíveis, antes lugares de possibilidades-limítrofes em que o pesquisador, entregue aos seus próprios pensamentos, pode encontrar as condições mais propícias para - como nos aconselharia Arendt (1990): “pensar sem corrimões”, pensar sem o peso de ideias preconcebidas, mas sim pensá-las

como questões de nosso tempo presente a partir dos próprios fatos que presenciamos. Pois só como sujeitos e testemunhas individuais da história é que podemos agir e dar uma resposta a eles.

É assim que a metáfora do deserto tem sido apropriada por nós como um campo de tentações, de interrogações e de produção de uma resposta. Um *nada-tudo*: lugar de perdição, de passagem, de ilusões, de alucinações, lugar de inscrição de nossos desejos e sentimentos para com o mundo humano. É o deserto com seu *tudo-nada* que faz com que comecemos a pensar que algo precisa ser feito em nosso favor e em favor de todos os homens. Em favor, principalmente, de todos aqueles e aquelas que se encontram necessitados e desamparados pelas políticas públicas e vivendo, destarte, na miséria feito bicho, mas que bicho não é. É homem tal qual outro homem é, mas homem com sua humanidade ferida, violentada, coisificada.

Somos de partido que não se pode – se quisermos sobreviver aos desertos – fugir a eles, antes enfrentá-los *com* e *no* diálogo. O deserto é implacável e radical. Frente a ele não há meio termo. O deserto é quente ou frio, mas nunca morno. Os desertos são lugares extremos: ora isto ora aquilo. Ora calmos, ora planos, ora abissais. O deserto é sim e é não.

Da sina dos desertos – indica-nos os santos textos – nem mesmo o filho de Deus escapou. É no deserto que padecemos de todas as tentações e alucinações. Fora da presença de outros homens (recolhidos em nossa solidão) é que talvez encontremos as condições propícias para expressarmos livremente nosso orgulho, nossas vaidades e vontades, bondade e indiferença. Enfim, no deserto podemos nos encontrar com o mais íntimo, com o mais vil ou com mais nobre de nós mesmos. Encontrarmo-nos com o diabo que nos habita, nos visita, nos desafia e nos obriga a produzir/dar uma resposta a nossa para nossa própria vida. Diferente de Deus, o diabo não perdoa, exige a nossa existência sem álibi. *O nosso to be or not to be*, o nosso ser ou não ser, o nosso juízo final. No entanto, o diabo não nos dá solução alguma para os nossos desertos, não nos dá saída, antes os transforma em questão, em tentações de tomar as rédeas de nossos próprios destinos misturados entre o joio e o trigo. Entre o bem e o mal. O diabo não julga e nem diferencia uma coisa da outra.

Diferente de Deus, que nos quer seres divinos, impecáveis e amparados por sua infinita bondade, o diabo nos quer humanos e pecadores desamparados e abertos e solícitos às ilusões do mundo. O lugar do diabo é a terra, o mundo. O diabo é mundano. Assim tentador e implacável, nos presta um grande serviço: nos mostra que somos, para dizer com Nietzsche, demasiadamente humanos, demasiadamente homens. E, assim sendo, somos corresponsáveis por tudo que há no mundo. É o diabo, portanto, – e não Deus (como querem nos fazer crer alguns religiosos) –, que nos obriga à liberdade de escolha e que também nos responsabiliza por elas. Diferente de Deus, o diabo não tem nenhum interesse pela nossa resposta, pelas nossas escolhas. Ele apenas nos provoca a dar

uma resposta. A resposta é e será sempre nossa, e de nossa inteira responsabilidade. O diabo é o *não-álibi* de nossa existência. Não perdoa e nem tampouco promete, como Deus, o céu para nossa salvação, mas a terra nua e crua com tudo que nela existe. Mas a culpa e a responsabilidade são sempre nossas e nunca de Deus ou do diabo. O deserto não os incomoda e tampouco eles o temem. Os desertos só podem desafiar e temer aos homens.

Todavia, nas condições de deserto (já que ele existe), é que temos de nos arriscar para pensar e desejar o paraíso, os oásis invisíveis que por certo há sempre nele. O deserto é aquele lugar que mais nos faz pensar que, para além dele e dentro dele, há um paraíso que precisamos descobrir. A maior tentação de um pesquisador das ciências humanas é encontrar o seu próprio deserto e tomar consciência que ele é responsabilidade sua e de ninguém mais.

Mas o problema é que pensar somente não adianta nada, pois o pensamento não tange o mundo. Não vira coisa mundana, não é signo. O pensamento por si só é também deserto. Portanto, é preciso ir além de pensar para se exercer uma vida intelectual ativa e responsável. É preciso transformar a *coisa-pensamento* em algo, em oportunidades que nos permitam sair de uma percepção ingênua da realidade e, a partir daí, de sua reflexão, transformá-la coletiva e solidariamente. Segundo Heidegger (apud ARENDT, 2010),

[...] o pensamento não traz certeza como as ciências. O pensamento não produz sabedoria prática utilizável. O pensamento não resolve os enigmas do universo. O pensamento não nos dota diretamente com o poder de agir. (p. 17).

Então, como escapar às armadilhas do pensamento que não conseguem, por si só, transformar o mundo? A resposta a encontramos nas palavras de Freire (2001). Segundo ele, só a partir de uma reflexão sobre a nossa realidade histórica é que nos tornamos capazes de perceber os condicionamentos de nossas percepções e impressões que temos sobre o mundo. Percepções e impressões estas que se encontram estruturadas pela sociedade em que nascemos e vivemos. Sociedade que é, segundo Durkheim (2002), construto humano e que exerce sobre nós seu poder de coerção. Poder esse que dirige nossas ações, nossos pensamentos e sentimentos. Embora consequência de um processo histórico, passamos irrefletidamente a percebê-lo como algo imutável e não nos permitido ver que a realidade é fruto de nossas próprias ações. E que, portanto, assim sendo, a realidade é transformável, mutável, desde que passemos a agir sobre ela de forma ativa e sem ignorá-la.

Portanto, o pensamento para Freire, por si só, não pode fazer nada. Ele é apenas o começo de algo que ainda precisa ser feito, ser transformado em ato, em coisa tangível. Ato que pode ser feito concomitantemente em diálogo entre o nosso *agir-pensar* ou o nosso *pensar-agir*, desde que

feito coletiva, livre e solidariamente. Para Freire o pensamento por si só também não nos garante certeza alguma, o pensamento não é como a ciência que trabalha com verdades e certezas, antes nos traz dúvidas e incertezas. Para Freire, o mundo não é. Não é nunca (e nunca será) um absoluto acabado. Para ele o mundo humano *ainda* não é o que deveria ou poderia ser. Ele será sempre o seu *vir a ser* pela ação dos homens e mulheres que se encontram neles. Não é teoria pura, tampouco ação irrefletida, mas práxis. Para Freire, assim como é também para Bakhtin e Arendt, o mundo humano é obra dos próprios homens. Ele é assim ou assado por culpa nossa. E se ele está sendo assim ou assado por culpa nossa, deveríamos concluir que ele também é de nossa inteira responsabilidade.

Pereira (2012, p. 65) diferencia o pensamento pragmático do cotidiano, daquele que se desenvolve para uma abstração teórica, típica da análise necessária nas pesquisas. O pensar na vida e o pensar na ciência, embora distintos, estão em estreita ligação, sem a qual a ciência se esteriliza e a vida se empobrece. A questão que a autora nos coloca é: “Qual a ética de um pensamento? Em que condições um pensamento teórico pode ser ético?” (p. 66). A resposta, nós a encontramos em Bakhtin. O universal da teoria ganha concretude no ato do pesquisador de pensá-lo, escolhendo dentre tantos saberes possíveis, aquele com o qual pretende operar para discutir as questões nascidas da vida real, às quais se vê conclamado a buscar respostas.

O pensar teórico, então, tal qual o agir ético, é a imposição de uma assinatura, pela qual o pesquisador se torna responsável inalienável pela reflexão que pôde produzir. Pois “mesmo uma teoria já clássica é pensada a partir da singularidade da pergunta contemporânea que a evoca.” (PEREIRA, 2012, p. 68). A ética do pensamento se revela na não-indiferença.

Segundo Drummond, escrever é desnudar-se, confessar-se publicamente. Saber-se pequeno e nu diante do vasto mundo. Saber que em seu diminuto coração não cabem sequer as suas próprias dores, tampouco cabem as dores de todos os outros homens. Homens para os quais quer responder responsabilmente com suas palavras. Palavras que ao mesmo tempo são suas e também alheias. Palavras que não são só suas, mas também de outros com quem se convive e a quem se é instado a responder, pronunciar-se e *ser*. E nelas e só nelas poderá ser ou vir a existir. E aí e só aí poderá residir o autor homem. Não adianta procurá-lo em outro lugar. Nas palavras do próprio Bakhtin (2006, p. 5) no processo de sua criação, o autor se objetiva no produto que cria. E só nele, mas não consegue ver tampouco nem ouvir a si mesmo.

Assim como nos avisa o poeta que “fazer samba não é contar piada”⁸, escrever também não, é compromisso orgânico, e não mecânico, com a vida. Escrever é ato responsável, lição que apreendemos com Bakhtin e que tem um duplo sentido: o de responder e se responsabilizar por aquilo que dizemos. É daí que o autor, aquele que se propõe a escrever a sua voz, dirigir palavras a outrem, encontra a fonte de todos os seus problemas e inspirações. Ele sabe que precisa dizer, mas que não pode dizer qualquer coisa e de qualquer jeito.

A escrita nos exige certas condições que nem sempre nos são dadas previamente, antes são criadas no ato que se coloca diante do vazio da página em branco que, do fundo de seu oceano de brancura, desafia-nos, gritando-nos: decifra-me ou devoro-te! E neste momento de tormentas, angústias e ventanias é que o autor quer fugir para bem longe: telefona, negocia consigo mesmo prazos, tempos frente à página deserta. Quer fugir do seu deserto.

A página é o deserto, o espaço-tempo em que autor se encontra na sua própria incerteza, na sua própria solidão e completa nudez, no seu “E agora, José?”.

O afastamento do mundo, todavia, não faz do intelectual uma pessoa fora dele, antes, pelo contrário, pertence ao mundo dos homens, à esfera mundana. Sua reclusão é apenas transitória. A respeito disso nos fala Said.

Não existe algo como intelectual privado, pois, a partir do momento em que as palavras são escritas e publicadas ingressamos no mundo público. Tampouco existe somente um intelectual público, alguém que atua apenas como uma figura de proa, porta voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito. (SAID, 2005, p. 26).

Todavia, consentimos com Drummond que é no silêncio do quarto onde, qual bicho no escuro, meus olhos permanecem enormes, suportando a insuportável leveza de ser. É verdade: “meus ombros suportam o mundo”, mas aqui ele “não pesa mais que a mão de uma criança”. Só assim com seu peso e leveza quase insuportáveis que o mundo pode se tornar de minha inteira responsabilidade. Responsabilidade que sempre implica um dever moral e ético de mim para com os outros e dos outros para comigo.

Palavras que também tomamos e as traduzimos como se fossem nossas. É... Assim, a palavra sempre se dirige. O destino da palavra é o outro e o mundo exterior. A palavra corresponde,

⁸ Verso da letra do “Samba da benção”, de Vinicius de Moraes.

responde ao outro, *responde a*, *responde com*. A palavra é ação pura. Ação responsiva que cabe a todo mundo: eu, tu, ele, enfim, nós.

Embora homem algum possa pedir ao outro que fale, a palavra é uma obrigação inerente a toda ação do homem enquanto homem e entre os homens. Eis o que nos escreve Arendt a respeito disto:

O discurso e a ação revelam essa distinção única. Por meio deles, os homens podem distinguir a si próprios, ao invés de permanecerem apenas distintos; a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos aparecem um para outros, certamente não como objetos físicos, mas *qua* homens. Esse aparecimento, em contraposição à mera existência corpórea, depende da iniciativa, mas trata-se de uma iniciativa da qual nenhum homem pode abster-se sem deixar de ser humano. (ARENDR, 2010, p. 220).

Podemos abrir mão de tudo. Só não podemos abrir mão da ação e do discurso. Sem eles estamos mortos para o mundo. Ainda nas palavras de Arendt (2010):

Os homens podem perfeitamente viver sem trabalhar, obrigando outros homens a trabalharem para eles, podem muito bem decidir simplesmente usar e usufruir do mundo de coisas sem lhes acrescentar um só objeto útil; a vida de um explorador ou senhor de escravos e a vida de um parasita podem ser injustas, mas certamente são humanas. Por outro lado uma vida sem discurso e sem ação [...] é literalmente morta para o mundo; deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens. (p. 220-221).

As palavras de Arendt e Bakhtin nos tem feito compreender o perigo eminente do nascimento dos desertos que, a cada dia, vicejam e crescem a olhos vistos. Elas nos revelam também os mecanismos pelos quais os desertos se instituem: quando nos abstermos de falar uns com os outros, de pensarmos *junto* e *com* os outros. Tanto para mim como para outro a palavra é política, é vida. Sem ela não há vida humana possível, não há mundo humano possível, pois os homens se revelam (se distinguem) um dos outros *na* e *pelas* palavras. Pela linguagem.

O pensamento só pode ser no mundo se o traduzimos em palavras, em pintura, em dança, em música, em prosa ou poesia, em cinema, em literatura, enfim, em linguagem, em signos, em coisas tangíveis e mundanas. Daí ser preciso escrever com certa urgência para que o pensamento não voe de nossa cabeça feito passarinho sem ninho. O ninho do pensamento é o mundo: a página em branco, o caderno de rascunho, o diário de campo e finalmente o texto, a obra sempre inacabada, sempre em fluxo. Com essas palavras, juntos, diminuimos a aridez do deserto que nos envolve, vela, revela... Assim como foi ao longo deste ensaio concluimos, mas uma vez com a

poesia de Drummond (2012): “O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.” (p. 138).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. Prefácio. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *A pedagogia da animação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 7-16.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARENDDT, Hannah. *A vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad.: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global editora, 2004. (Coleção Melhores poemas)
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FREIRE, PAULO. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas*. 26ª Reunião da ANPED, Caxambu, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LASCH, Christopher. *O Mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina: e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- PEREIRA, Rita M. Ribes. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia Mara. (Orgs.). *Infância em Pesquisa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.
- PONZIO, Augusto. *Encontro de palavras: o outro no discurso*. São Carlos: Pedro e João, 2010.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. 2. ed. Trad.: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unicamp, 1999.
- SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. As Conferências Reith de 1993. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra: Universidade de Coimbra, n. 78, p. 3-46, out. 2007.
- SENNETT, Richard. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *A Corrosão do Caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SOBRAL, Adail. O Ato “Responsível”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 11/1, p. 219-235, jul. 2008.

RESUMO

As vozes que se enunciam aqui são de dois pesquisadores que tomaram para si as palavras de poetas e cientistas para, assim, participarem do grande diálogo a respeito do mundo contemporâneo. Um mundo caduco que tem se tornado um imenso deserto. Mundo que é da nossa inteira culpa e responsabilidade. Não existindo nenhum alibi, nenhuma desculpa, para nossa indiferença frente a ele. A tese que esposam é a mesma proposta por Bakhtin: a de que só se pode vencer a aridez dos desertos a partir de uma atitude responsável (corresponsável) em que se conjuguem organicamente estas três esferas da cultura humana, quais sejam: a arte, a ciência e a vida. Todavia, ela jamais poderá ser vista como uma tese individualista: da luta isolada de um único indivíduo. Contrários a esta perspectiva, afirmam o papel histórico do indivíduo como sujeito histórico responsável e ativo que sabe que é o outro que lhe concede a existência, lhe dá sentido e acabamento, sem alibi.

Palavras-chave: Arte. Vida. Conhecimento. Responsabilidade.

ABSTRACT

The voices, which spell out here, come from two researchers who took the words of poets and scientists, for so, participate in the big dialogue about the contemporary world. A world that has become obsolete, an immense desert. World that is our sole guilt and responsibility. There is no excuse for our indifference in front of him. The thesis they support is the same proposed by Bakhtin: that one can only win the aridity of the desert from a responsible attitude (shared responsibility) which combine organically the three spheres of human culture: the art, science and life. However, it can never be seen as an individualist thesis. Contrary to this view, claim the historical role of the individual as responsible and active historical subject that knows that is the other, which grants him the existence, gives him direction and finish, without an excuse.

Key Words: Art. Life. Knowledge. Responsibility.

*Recebido em julho de 2013
Aprovado em agosto de 2013*